COLLOQUIUM
REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

VOLUME 10, NÚMERO 1, CRATO – CE, SETEMBRO DE 2025.1 - ISSN 2448 2722

SUBMETIDO EM: 05/06/2025 ACEITO EM: 01/08/2025 - SEÇÃO 1: ARTIGOS

A CRIAÇÃO COMO OBJETIVO E MEIO DA MISSIO DEI: UMA LEITURA CRÍTICA E ECOTEOLÓGICA DO LIVRO DE JONAS

CREATION AS THE GOAL AND MEANS OF THE MISSIO DEI: A critical and ecotheological reading of the Book of Jonah

Jonas de Souza Netto[1]
Lattes: https://lattes.cnpq.br/8181871968360792

DOI: https://doi.org/10.58882/cllq.v10i1.219

RESUMO: O livro de Jonas destaca-se por sua riqueza literária e profundidade teológica, articulando tensões entre vontade humana e soberania divina por meio de deslocamentos entre terra e mar. Temas como rejeição, conversão e busca por Deus estruturam a narrativa, culminando na revelação da *Missio Dei*, em que a compaixão e a misericórdia divinas contrastam com expectativas humanas de justiça retributiva. A narrativa convoca elementos da criação — animados e inanimados — como participantes ativos da missão divina, compondo um fluxo ecoteológico singular. Recursos como paródia, ironia e ficcionalidade conferem à obra um tom provocativo e instrutivo. Este artigo propõe uma leitura crítica e teológica do Livro de Jonas, a partir da ecoteologia, explorando a relação entre Deus, a humanidade e a criação, e destacando a relevância dessa mensagem num contexto de crise ecológica contemporânea.

Palavras-chave: *Missio Dei*; ecoteologia; conversão; salvação; criação.

ABSTRACT: The book of Jonah stands out for its literary richness and theological depth, articulating the tension between human will and divine sovereignty through movements between land and sea. Themes such as rejection, conversion, and the search for God structure the narrative, culminating in the revelation of the *Missio Dei*, in which divine compassion and mercy challenge human expectations of retributive justice. The narrative engages elements of creation — both animate and inanimate — as active agents in the fulfillment of God's mission, forming a unique ecotheological flow. Literary devices such as parody, irony, and fictionality lend the text a provocative and instructive tone. This article offers a critical and theological interpretation of the Book of Jonah from an ecotheological perspective, exploring the dynamic relationship between God, humanity, and creation, while highlighting the contemporary relevance of its message in the face of the global ecological crisis.

Keywords: Missio Dei; ecotheology; conversion; salvation; creation.

---

1. Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-SP, sob orientação do Prof. Dr. Matthias Grenzer. E-mail: jonas@soboasnovas.com.br. Bolsista CAPES.

1. INTRODUÇÃO

Então o SENHOR dispôs que surgisse um grande peixe que engolisse Jonas. Jonas esteve nas entranhas do peixe durante três dias e três noites (Jn 2,1).[2]

O livro de Jonas é uma obra bíblica de grande relevância, amplamente comentada e ilustrada ao longo da história. Sua narrativa transcende o campo acadêmico, marcando presença não apenas em críticas, comentários e análises literárias, mas também na arte, literatura popular e até mesmo em brinquedos e jogos, alcançando públicos tanto adultos quanto infantis. O impacto cultural do livro é evidente, e sua história figura em diversas obras, como, por exemplo, no célebre *Moby Dick*, de Herman Melville, conforme Patrícia Fachin.

Ao longo dos séculos, o Livro de Jonas passou por uma complexa trajetória de edição, redação, canonização, tradução e interpretação, tanto em contextos religiosos quanto seculares. Esta jornada reflete a adaptabilidade e a influência duradoura da obra, que continua a ressoar em diversas culturas e épocas.

Dada sua ampla disseminação, não é surpresa que muitas visões e interpretações tenham surgido ao redor dessa narrativa, considerada uma das mais conhecidas da Bíblia Hebraica. Entre as discussões mais recorrentes, se destaca a questão sobre seu gênero literário: o Livro de Jonas seria uma história real ou uma fábula com fins pedagógicos? Essa dúvida permeia não apenas os círculos acadêmicos, mas também o imaginário coletivo.

2. Em algumas versões/traduções bíblicas este verso aparece deslocado para o final do capítulo 1, verso 17. Como, por exemplo, na Almeida Nova Atualizada, King James Fiel, Tradução Ecumênica Brasileira, etc. Esta diferença na numeração dos versículos em Jonas 1 ocorre devido a uma variação na divisão do texto entre as traduções hebraicas, que apresenta Jonas 1 com 16 versículos, e gregas que seguem a tradição da Septuaginta e incluem Jn 2,1 como Jn 1,17. No entanto, esta divisão dos capítulos e versículos não produz impacto no conteúdo do texto.

Este estudo vai além da análise literária do livro de Jonas, concentrando-se especialmente na investigação dos elementos da criação – tanto animados quanto inanimados – e na maneira como eles contribuem para a *Missio Dei*. A pesquisa busca compreender como Deus utiliza a natureza e fenômenos extraordinários para cumprir seu plano divino. No próximo capítulo, será realizada uma análise introdutória da estrutura literária e do gênero do livro de Jonas, fornecendo o embasamento teórico essencial para o desenvolvimento da abordagem proposta neste artigo.

O estudo está dividido em 4 tópicos: 1. Uma fábula ou uma história real?, 2. O filho de Amitai, 3. *Missio Dei*: A missão de Deus na teologia e na narrativa de Jonas, 4. A ecoteologia no livro de Jonas. Os dois primeiros tópicos tratarão da contextualização literária da narrativa, como base da análise, e os dois últimos tópicos abordarão o objeto da pesquisa, a *Missio Dei* e a ecoteologia presentes no livro de Jonas.

Considerando a análise proposta, este estudo conclui que a narrativa de Jonas, com sua rica tapeçaria de elementos animados e inanimados, oferece uma poderosa lente ecoteológica para compreender a *Missio Dei* em sua abrangência universal. A interação entre a desobediência do profeta e a intervenção divina por meio da criação sublinha a compaixão e misericórdia de Deus que se estendem para além das fronteiras humanas, alcançando toda a natureza. Contudo, a estrutura de final aberto do livro, exemplificada pela questão final de YHWH a Jonas, sinaliza lacunas interpretativas e convida a futuras investigações sobre a recepção e aplicação contemporânea dessa mensagem de cuidado com a criação e a superação de preconceitos, especialmente em um contexto de crise ambiental crescente.

As traduções bíblicas seguem a edição da Bíblia Paulinas, as transliterações dos termos hebraicos seguem o padrão SBL – *Society of Biblical Literature*, e as traduções de textos em línguas estrangeiras foram elaboradas pelo autor.

2. UMA FÁBULA OU UMA HISTÓRIA REAL?

A fábula é a ponte entre o real e o fantástico. (Ariano Suassuna)

Embora o Livro de Jonas seja uma das narrativas mais conhecidas da Bíblia, ele é, paradoxalmente, também uma das mais incompreendidas. A principal dificuldade na interpretação desse livro reside na definição de seu gênero literário. Ler o livro de Jonas como uma história real pode levar à distorção de sua mensagem central, por isso, a chave para uma compreensão adequada do Livro de Jonas está no reconhecimento de seu gênero literário, de acordo com Steven L. Mckenzie (2007, p. 9).

2.1. UMA BREVE ANÁLISE DO GÊNERO LITERÁRIO DO LIVRO DE JONAS

Conforme McKenzie (2007, p. 21-24), as produções literárias podem ser divididas em dois grandes grupos: ficção e não-ficção, os quais podem ser subdivididos em diferentes gêneros e subgêneros. O discernimento do gênero é uma parte fundamental do processo de comunicação entre o autor e o leitor. Como afirma a teoria literária, o gênero deve ser percebido por meio de seu conteúdo, e não apenas por sua forma. A identificação correta do gênero é essencial, pois serve como um guia para interpretar corretamente o texto, evitando ambiguidades e permitindo uma compreensão mais profunda da mensagem pretendida. Dessa forma, o problema de interpretação do livro de Jonas não está no texto em si,

mas nos leitores, que frequentemente falham em discernir o gênero da obra a partir das pistas presentes no próprio livro, o que impede a compreensão de sua verdadeira natureza e propósito.

Ao examinar cuidadosamente o conteúdo do livro de Jonas, observa-se que, diferentemente dos demais livros proféticos, o enredo não se concentra nas palavras do profeta dirigidas ao povo, mas sim em sua trajetória pessoal, marcada por resistência, fuga e confronto com a misericórdia divina. Enquanto Isaías, Jeremias e outros profetas clássicos comunicam visões e oráculos com forte carga escatológica ou exortativa, Jonas se destaca por apresentar uma narrativa em prosa, centrada no próprio profeta como personagem literário. A tabela a seguir evidencia essas diferenças:

Tabela 1 – Comparação entre os livros dos profetas

Elemento	Profetas Clássicos (Isaías, Jeremias etc.)	Livro de Jonas
Foco	Mensagens proféticas dirigidas ao povo	História do profeta e sua reação à missão
Forma	Oráculos, visões, poesias proféticas	Narrativa em prosa com elementos satíricos
Função principal do profeta	Porta-voz da palavra divina	Personagem central que resiste à missão divina
Interlocutores principais	Israel, Judá ou nações específicas	Deus, marinheiros, ninivitas e elementos naturais
Gênero literário	Discurso profético (exortativo e escatológico)	Narrativa ficcional com recursos de parábola
Ênfase teológica	Julgamento, restauração, fidelidade à aliança	Misericórdia divina e missão universal
Estilo narrativo	Didático, poético, solene	Irônico, cômico, provocativo
Final da narrativa	Conclusões ou visões escatológicas	Final aberto com pergunta divina retórica

Fonte: Elaboração do autor (2025)

Essa comparação revela que Jonas não se enquadra nas formas tradicionais do discurso profético, mas adota o formato de uma narrativa irônica e didática. Esse caráter distintivo permite uma abordagem teológica mais ampla, em que o foco recai não apenas na mensagem transmitida, mas na complexidade da relação entre o profeta, Deus e a criação. A forma como Jonas reage – ou se recusa a reagir – diante da compaixão divina revela tensões teológicas profundas que merecem ser lidas com atenção ao gênero literário proposto.

Para Mckenzie (2007, p. 11-27), há vários elementos que indicam que este livro não é uma narrativa histórica, mas uma história de ficção. Entre esses elementos, se destacam a ausência de datas e de contextos históricos específicos, bem como o fato de que o cenário parece ser situado no século VIII a.C., mas apresenta várias características linguísticas tardias, típicas do período pós-exílio (cerca de 400 a.C.). Essas características lembram os escritos dos livros de Crônicas, Esdras e Neemias, sugerindo uma composição posterior ao período exílico.

Outro aspecto histórico que reforça a ideia de ficção, segundo Mckenzie (2007, p. 11), é a cronologia relacionada à cidade de Nínive. Embora a cidade tenha sido o centro do Império Assírio no século VII a.C., ela só se tornou a importante capital desse império após o período em que Jonas teria vivido, durante o reinado de Jeroboão II (aproximadamente entre 786-746 a.C., século VIII). Nesse período, Nínive ainda não era a capital assíria, e a nação de Israel, que seria destruída pelos assírios em 722-721 a.C., já estava sob ameaça de invasão.

A profecia de Jonas, registrada no Livro dos Doze (Profetas Menores), é muito curta, com as duas passagens principais sendo: “a palavra do Senhor foi dirigida a Jonas, filho de Amitai” (Jn 1.1) e pregava: “ainda quarenta dias e Nínive será arrasada” (Jn 3.4). No entanto, a narrativa do livro vai além de uma simples

profecia, funcionando mais como uma história biográfica sobre o profeta. Conforme Brevard S. Childs, “Jonas desafia as categorias literárias tradicionais. Embora seja classificado entre os Profetas Menores, sua forma narrativa e seu foco temático o distinguem claramente das profecias típicas” (Childs, 1979, p. 420).

O gênero literário do livro de Jonas, portanto, pode ser caracterizado como uma ficção ou uma parábola satírica, que incorpora elementos de um salmo. A oração de Jonas dentro do peixe, por exemplo, apresenta uma imagem cômica de um profeta teimoso, fazendo um hino de agradecimento que, de fato, não é de um profeta propriamente agradecido, o que confere uma camada de ironia à narrativa.

Embora a definição do gênero como ficção ou paródia satírica possa, à primeira vista, parecer desvalorizadora, ela não diminui a profundidade do conteúdo do livro. Pelo contrário, a comédia e a sátira são frequentemente utilizadas na Bíblia para tratar de assuntos sérios, como a natureza de Deus e as atitudes humanas. Como observa Childs (1979, p. 420), a Bíblia frequentemente usa ironia e exageros para comunicar verdades teológicas profundas, desafiando as expectativas do leitor e ampliando a compreensão dos temas abordados.

Através dessas estratégias, o autor transmite mensagens sutis, porém profundas, revelando uma crítica velada às atitudes humanas. A ironia e os exageros presentes na narrativa permitem ao leitor atento descobrir uma riqueza de ensinamentos intencionais. De acordo com Mckenzie (2007, p. 11), a utilização desses recursos literários no livro de Jonas proporciona uma reflexão mais ampla sobre a misericórdia divina, a arrogância humana e a natureza do arrependimento, oferecendo lições que transcendem a simples narrativa de um profeta e sua missão.

2.2. UMA BREVE ANÁLISE DA ESTRUTURA LITERÁRIA DO LIVRO DE JONAS

O livro de Jonas narra a história de um profeta israelita do século VIII a.C. que reluta em cumprir a missão que Deus lhe confia: anunciar uma mensagem de advertência para a cidade de Nínive. Segundo David A. Dorsey (2024, p. 337-344), o livro é composto por sete episódios, organizados de forma cronológica e em um arranjo paralelo: a-b-c || a-b-c-d. Esse arranjo reflete duas partes principais, que correspondem às duas comissões recebidas pelo profeta: “a palavra do SENHOR foi dirigida a Jonas...” (*הָנוי־לֶא הָוהְיִ־רַבְּד יְהִיַו Wayəhî dəḇar-YHWH ’el-YônŌ*), (Jn 1.1; 3.1). O clímax da narrativa ocorre na unidade final (Jn 4.5-11), onde Deus ensina uma importante lição a Jonas.

Leonardo A. Fernandes (2012, p. 26-28), propõe uma leitura da narrativa a partir de quatro cenas correspondentes aos capítulos do livro:

Tabela 2 – Cenas

Primeira cena (Cap. 1)	A vocação e a missão de Jonas, enviada por Deus, para anunciar a mensagem de advertência à grande cidade de Nínive
Segunda cena (Cap. 2)	Após tentar fugir de sua missão, Jonas é lançado ao mar, engolido por um grande peixe e permanece três dias e três noites no ventre do animal, conforme a vontade divina.
Terceira cena (Cap. 3)	Jonas é novamente chamado por Deus para ir a Nínive, desta vez aceita cumprir sua missão de proclamar a palavra divina.
Quarta cena (Cap. 4)	O retorno ao diálogo entre Jonas e Deus, onde o profeta tomado pela ira, chega a desejar a própria morte, por não aceitar a misericórdia de Deus para com os habitantes de Nínive.

Fonte: Do autor, baseado na proposta de Fernandes (2012).

Segundo Fernandes (2012, p. 43), uma das lições centrais do livro de Jonas é a intencionalidade sapiencial e didática por trás de sua narrativa: “mostrar que, para Deus, é mais fácil converter os pagãos do que os membros do povo eleito”. A resistência de Jonas ao arrependimento revela o contraste entre a misericórdia

divina, que alcança até os inimigos de Israel, e a obstinação do povo escolhido. Adicionalmente, é possível perceber arranjos mais complexos dentro das unidades internas do livro, embora esses elementos não sejam o foco deste estudo.

Um detalhe significativo no texto hebraico do Livro de Jonas é a recorrência da conjunção וְ (*waw* consecutiva ou conversiva) no início da maioria dos versos. Essa característica reflete uma construção gramatical recorrente na narrativa bíblica, a qual é amplamente discutida por estudiosos como Joüon e Muraoka (2006, p. 119-124), que a identificam como uma ferramenta essencial para conectar ações de forma sequencial e criar um fluxo narrativo contínuo.

De acordo com Dorsey (2024, p. 344), a estrutura narrativa do livro de Jonas pode ser comparada à parábola de Jesus sobre o filho pródigo. Assim como a história de Jonas, a parábola enfatiza a esperança para o pecador arrependido e a necessidade de autocompreensão e arrependimento por parte dos justos. Essa comparação revela, ainda, a estratégia do autor ao optar por um final aberto na narrativa, o que deixa a reação de Jonas diante da misericórdia de Deus não conhecida, desafiando o leitor a refletir sobre as atitudes humanas perante a graça divina.

2.3. LITERATURAS JUDAICAS E TRADIÇÕES RABÍNICAS

A história de Jonas transcende o texto bíblico e encontra lugar em diversas literaturas judaicas, tanto nas escrituras sagradas quanto em tradições rabínicas e culturais. Entre as tradições rabínicas, estão:

Tabela 3 – Tradições rabínicas

O Talmude Babilônico	que faz menções a Jonas, principalmente relacionadas à profecia, arrependimento e a compaixão divina:
	O Tratado Sanhedrin 89a que discorre sobre a identidade de Jonas como profeta e a natureza de sua missão.
	O Tratado Ta'anit 16a-16b que menciona a resposta de arrependimento de Nínive como um exemplo de arrependimento (*teshuvá*) efetiva e aceitável por Deus.
O Midrashim (Midrash), como literatura exegética rabínica,	que fornece interpretações detalhadas e histórias adicionais sobre Jonas, ligadas a temas teológicos mais amplos:
	O Pirkei de Rabbi Eliezer (Capítulo 10) que oferece detalhes sobre o grande peixe que engoliu Jonas, enfatizando a intervenção divina em sua jornada.
	O Midrash Yonah, um Midrash específico que expande a história de Jonas, interpretando seus atos e suas consequências.
O Targum Yonatan	uma tradução aramaica da Bíblia Hebraica, com paráfrases e comentários, que oferece explicações teológicas e linguísticas do Livro de Jonas que enriquecem a leitura do texto.
O Zohar, no contexto místico da Cabala,	que também menciona Jonas, frequentemente interpretando sua jornada como uma alegoria para o processo de alma, pecado e redenção.

Fonte: Do autor, baseado nas citações do Rabino Schmul Osher Begun (2022 p. 2-21) (2025).

3. O FILHO DE AMITAI

Levantou-se Jonas, mas para fugir para Társis, longe da face do SENHOR. Desceu a Jope e encontrou um navio que estava indo para Társis. Pagou a passagem e desceu a bordo para ir com eles para Társis, longe da face do SENHOR (Jn 1.3).

O profeta Jonas é mencionado em cinco ocasiões nas Escrituras, sendo a primeira no contexto de sua origem e missão profética durante o reinado de Jeroboão II (aproximadamente 786-746 a.C.), rei de Israel, conforme relatado Livro de 2 Reis:

> No décimo quinto ano de Amasias, filho de Joás, rei de Judá, Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, começou a reinar na Samaria. Ele reinou quarenta e um anos. Fez o que é mau aos olhos do SENHOR; não se desviou de nenhum dos pecados de Jeroboão, filho de Nebat, que fizera Israel pecar. Ele restabeleceu a fronteira de Israel, da entrada de Emat até o mar da Arabá, segundo a palavra do SENHOR, Deus de Israel, que tinha anunciado por intermédio de seu servo, o profeta Jonas, filho de Amitai, que era de Gat-Héfer (2Rs 14,23-25).

A segunda citação ocorre no livro de Jonas, enquanto as outras três aparecem no Novo Testamento, nas palavras de Jesus Cristo. No Evangelho de Mateus, Jesus faz referência a Jonas como um sinal de sua própria ressurreição:

> Mas ele lhes respondeu: “Uma geração malvada e adúltera exige um sinal, mas não lhe será dado outro sinal a não ser o sinal do profeta Jonas. De fato, assim como Jonas esteve no ventre do monstro marinho três dias e três noites, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra. Durante o julgamento, os homens ninivitas se levantarão com esta geração e a condenarão, porque eles se converteram com a pregação de Jonas. Ora, aqui há alguém maior que Jonas” (Mt 12,39-41).

Além disso, em Mt 16,4 e Lc 11,29-32, Jesus cita Jonas como um exemplo de arrependimento, destacando a resposta dos ninivitas ao seu anúncio.

De acordo com o Rabino Schmul Osher Begun (2022 p. 6-7), Jonas teria nascido na tribo de Zebulom, no reino de Israel, durante o reinado de Acabe, filho de Omri, considerado um dos reis mais poderosos e perversos de sua época. Begun cita, também, o Midrash Shocker Tov (26:7), que identifica Jonas como o filho da viúva que o profeta Elias ressuscitou, conforme narrado em 1 Reis 17. Posteriormente, Jonas teria desempenhado um papel significativo em eventos importantes na história de Israel. Sob a orientação do profeta Eliseu, que foi dis-

cípulo de Elias, Jonas foi enviado para ungir Jeú, filho de Ninsi, como rei. Jeú foi o único monarca reconhecido como fiel a Deus em meio a um contexto de infidelidade generalizada. Ademais, Jonas profetizou o sucesso militar e a restauração territorial de Israel sob o reinado de Jeroboão II, não pelos seus méritos, mas como um ato da misericórdia de Deus por seu povo.

3.1. O NOME DE JONAS

O nome Jonas deriva do hebraico *יוֹנָה YônŌ,* que significa "pomba", enquanto Amitai do hebraico אֲמִתַּי, o nome de seu pai, cuja raiz é *תמא ʾĕmet,* que significa "verdade" (Joüon; Muraoka, 2006, p. 20-22). Portanto, o nome de Jonas, o "filho da verdade" (*יוֹנָה בֶּן־אֲמִתַּי ben-ʾĂmittay*), parece estar em contraste com a complexidade de suas atitudes no livro que leva seu nome, refletindo talvez uma tensão entre sua missão divina e suas respostas humanas (Holladay, 2010, p. 50-55).

3.2. OS PERSONAGENS DO LIVRO

O livro de Jonas é uma narrativa sobre as interações do profeta com personagens humanos e não-humanos, sendo Deus o gerente supremo da história. Deus organiza e direciona os acontecimentos para que seus objetivos e a missão divina (*Missio Dei*) se cumpram, apesar das falhas humanas. Como afirma Wright (2006, p. 364), a *Missio Dei* é uma ação redentora e restauradora, abrangendo não apenas a humanidade, mas toda a criação. Deus planeja, intervém nas crises, capacita os envolvidos e oferece feedback corretivo, sempre com o propósito de restaurar a ordem e a justiça. Essa dinâmica de ação divina é exemplificada no próprio livro, onde até os elementos da natureza – como o grande peixe e o arbusto – desempenham papéis cruciais para o cumprimento da missão divina (Joüon; Muraoka, 2006, p. 119-124).

Entre os personagens humanos estão os tripulantes, marinheiros e o mestre do navio "capitão", simbolizando os povos estrangeiros, uma vez que os israelitas não eram dados às atividades marítimas. O termo "marinheiro" ou "homem do mar" (*מַלָּחִים hammallōḥîm*, plural de *מַלָּח mallōḥ*) é raro na Bíblia Hebraica, e a expressão de suas crenças religiosas – "... encheram-se de temor e gritaram cada qual ao próprio deus...." (Jn 1.5) – reforça sua natureza estrangeira. Já os habitantes de Nínive são representados por diferentes camadas sociais: trabalhadores e escravos (súditos), o rei e a família real (nobreza), além de soldados e líderes religiosos, embora estes últimos não sejam mencionados diretamente no texto.

Uma das características distintivas do Livro de Jonas é a presença de personagens não-humanos que desempenham papéis ativos na narrativa. Entre eles, destacam-se o "grande peixe" que abriga e transporta o profeta (Jn 1.17), o arbusto que o protege do sol e é consumido por um verme (Jn 4.6-7), além de outros elementos naturais como a terra, o mar, o vento, a tempestade e o sol. Esses elementos não são meros cenários, mas instrumentos divinamente acionados, evidenciando a *Missio Dei* – a ação soberana de Deus sobre toda a criação (Bosch, 2011, p. 10). Como observa Fretheim (2005a, p. 98), a natureza, no livro de Jonas, opera como um agente teológico, reforçando o tema do domínio e do cuidado divino sobre o cosmos.

3.3. O CONTEXTO GEOGRÁFICO

A narrativa se passa em torno de três locais: A cidade de Nínive, a cidade de Társis e o porto de Jope.

Nínive é descrita como "uma cidade muito grande" (Jn 3.3), que necessitava de três dias para ser atravessada, cerca de 120 quilômetros segundo Radak (Pessachim 93b) (Begun, 2022 p. 11). Situada nas margens do rio Tigre (atual-

mente no norte do Iraque, perto de Mossul), Nínive foi fundada por Ninrode (Gn 10.11-12) e se tornou a capital do império assírio. A cidade era conhecida por sua maldade, que, segundo a narrativa de Jonas, subiu até Deus (Jn 1.2). O profeta Naum também menciona Nínive, destacando a inevitabilidade de sua destruição (Na 3). Historicamente, Nínive foi arrasada em 612 a.C. por uma coalizão de babilônios, medos e citas, conforme registrado no Cilindro de Nabopolassar, que celebra a queda da cidade como um triunfo divino (Pritchard, 1969, p. 305).

Társis é mencionada como uma cidade distante, de difícil acesso e associada ao comércio marítimo. Társis é identificada como a região da Península Ibérica, possivelmente, a cidade de Tartessos na atual Espanha (Begun, 2022, p. 2). O Livro de Ezequiel (Ez 27.12) a descreve como um centro de comércio de metais preciosos. No livro de Jonas, Társis é o destino escolhido por Jonas para fugir da missão divina (Jn 1.3), que não chegou a ser alcançado.

Jope (atualmente Jaffa, em Tel Aviv, Israel) foi um porto estratégico, especialmente no comércio marítimo e na construção do Templo de Salomão (2Cr 2.16). No Novo Testamento, destaca-se em dois momentos significativos na vida de Pedro: o milagre da ressurreição de Tabita (At 9.36-43) e a visão de Pedro sobre a inclusão dos gentios na salvação, marcando a expansão do evangelho além de Israel (At 10.9-16). Assim, Jope se torna um ponto de interseção entre o Antigo e o Novo Testamento, onde se estabelecem os fundamentos para a missão global da igreja primitiva, refletindo a transição da aliança particularista de Israel para a universalidade do Evangelho (Koenig, 1985, p. 72).

3.4. O FLUXO DA NARRATIVA

A estrutura narrativa do Livro de Jonas acomoda um intenso fluxo narrativo (ir e voltar), entre a tensão e a resolução.[3] Conforme descreve Jione Havea (2020, p. 1-16), há um forte clima de rejeição na história de Jonas. A rejeição abre (Jonas rejeita a missão de YHWH) e fecha (YHWH Deus rejeita o desejo de Jonas de morrer) a narrativa. O grande clímax da história é a cidade de Nínive que rejeita suas propensões à maldade, e YHWH que rejeita seu decreto para destruir Nínive. A narrativa leva o leitor através de um fluxo pela terra e mar com seus personagens.

O livro de Jonas, portanto, segue uma estrutura narrativa marcada por um fluxo de tensões e resoluções, que envolvem tanto as ações de Jonas quanto os elementos naturais e não-humanos, como o grande peixe, o arbusto e o verme. Essa dinâmica de "ir e voltar" destaca como Deus utiliza toda a criação para cumprir sua missão redentora, transcendendo a simples relação entre o profeta e o povo. Esse movimento prepara a reflexão sobre a misericórdia divina e o arrependimento, temas centrais que serão aprofundados nos parágrafos seguintes.

No capítulo 1, Jonas andou até Jope, não se sabe quanto, mas o suficiente para cansá-lo. O profeta se move para a Cidade de Társis pelo mar, que sustenta o barco e o grande peixe. Jonas tenta escapar da presença de Deus, mas não consegue se esconder, nem na terra nem no mar. O mar calmo, inicialmente, é agitado por Deus para cumprir sua missão, perturbando tanto os marinheiros quanto o ambiente ao redor, devido à desobediência de Jonas.

3. O fluxo narrativo permite compreender a progressão temática e teológica dos eventos, revelando como os autores estruturam suas narrativas para destacar mensagens centrais. Ele também evidencia a forma como a história se desenrola, conduzindo e envolvendo o leitor ao longo do texto. (cf. CHILDS, B. S. Introduction to the Old Testament as Scripture. 1979, p. 300-310).

No capítulo 2, Jonas é engolido pelo grande peixe e, sem espaço para se mover, permanece em silêncio por três dias e três noites. Nesse confinamento, ele se volta para YHWH em oração, compondo um salmo. Sua súplica, não expressa arrependimento, mas é sincera. Embora pudesse ignorá-lo, YHWH ouve sua oração e o resgata. O clamor de Jonas tem um papel legítimo na dinâmica da oração, e seu voto de sacrifício é significativo diante de YHWH, pois "a salvação pertence ao SENHOR" (Jn 2.10).

A história de Jonas tem Nínive como cenário principal, mas o verdadeiro foco está na relação entre YHWH e Jonas. Embora Jonas reconheça as qualidades de YHWH, ele não as aprova completamente, pois estava preso às tradições de seu povo e aos preconceitos contra os assírios. YHWH conduz sua missão de forma abrangente, utilizando elementos da criação (terra, mar, animais, plantas e fenômenos naturais) como instrumentos para realizar sua obra de salvação, que inclui toda a criação: os marinheiros, os habitantes de Nínive, os animais e o próprio Jonas. A misericórdia divina se manifesta de forma clara e constante, desde o ventre do grande peixe até a redenção de Nínive.

No capítulo 3: após receber uma segunda chance, Jonas obedece ao chamado e Nínive, em resposta ao arrependimento, é abençoada. A transformação de Nínive ocorre já no primeiro dia, antes do cumprimento completo da profecia. A mudança começa com o povo, e o rei segue o exemplo, renunciando a símbolos de autoridade (trono, manto) e adotando símbolos de humildade (saco, cinzas). O decreto se estende a todos, abrangendo tanto pessoas quanto animais, e reflete uma sociedade classista na qual todos são convocados à prática da justiça. A salvação de Nínive se concretiza por meio desse compromisso, o abandono do "caminho de maldade e da violência" (Jn 3,8).

O arrependimento dos ninivitas abriu espaço para a manifestação da compaixão de YHWH: "Deus viu suas obras... e Deus se arrependeu do mal que

decidira fazer contra eles. E não o fez" (Jn 3.10). O "arrependimento" de YHWH (וַיִּנָּחֶם *vayinachem*, do verbo no infinitivo נָחַם *nŌḥam*)[4] não deve ser entendido como uma mudança em sua natureza, mas como uma expressão da sua graça divina. Esta graça, universal e acessível a todos, destaca o seu desejo de transformar e restaurar, oferecendo sempre a oportunidade de reconciliação e renovação.

No capítulo 4, com a salvação de Nínive o foco da *Missio Dei* se volta para o profeta. Ele inicia uma nova fuga, revelando uma conversa anterior à narrativa, "ah, SENHOR, não era essa minha palavra, estando eu ainda em minha terra?" (Jn 4.1), sobre sua contrariedade pela compaixão e misericórdia de YHWH. A estratégia do SENHOR para salvar o profeta, que se assentou indignado à leste da cidade, envolveu um arbusto, "o SENHOR Deus dispôs que surgisse um rícino [...]" (Jn 4.6), e um verme "Deus dispôs que surgisse um verme ao despontar da aurora do dia seguinte. Ele feriu o rícino, que secou." (Jn 4.7), além do vento e do sol. No entanto, o profeta insiste em desejar sua morte, "é melhor para mim a morte que a vida" (Jn 4.8). Tanto a cidade Nínive, quanto o arbusto, quanto Jonas eram vulneráveis e necessitavam do cuidado e da misericórdia de YHWH.

A narrativa de Jonas começa e termina com a voz de YHWH, mas entre o início e o fim, YHWH age de maneiras distintas. A história se desloca até um ponto onde YHWH silencia Jonas, que, chamado para falar, permanece em silêncio fora da cidade. Embora silenciado, Jonas provavelmente testemunhou a transformação de Nínive: "E eu não terei compaixão de Nínive, a grande cidade...?" (Jn 4.11). Como observa Alter (1981, p. 14), o silêncio de um personagem na Bíblia é uma escolha literária que sublinha sua complexidade e a tensão entre a

4. O termo (נָחַם nŌḥam) é polissêmico, com significados como arrepender, lamentar, confortar, ter compaixão. Além disso, quando aplicado à Deus é uma expressão antropopática (atribuir sentimentos humanos a seres não humanos), que requer contextualização para sua correta compreensão, conforme Holladay (2010, p. 379.

ação divina e a resposta humana. O silêncio de Jonas, portanto, reforça a resistência do profeta e a profundidade do plano divino.

Ao final de uma narrativa, espera-se que o enredo atinja seu clímax, resolva as tensões, esclareça ambiguidades e ofereça um desfecho satisfatório aos personagens principais. No entanto, o autor opta por uma estrutura com início e final abertos. A história apresenta Jonas sem detalhar sua origem ou como chegou ao porto de Jope, revelando posteriormente que já havia dialogado com YHWH antes dos eventos narrados (Jn 4,2). O desfecho ocorre com uma pergunta de YHWH e o silêncio de Jonas. O final aberto, conforme enfatiza McKee (2017, p. 311-315), é um recurso literário poderoso, usado intencionalmente para estimular a reflexão e o engajamento do público com os temas da história, ampliando sua ressonância emocional e intelectual.

O livro de Jonas é singular entre os livros proféticos, pois não menciona o povo de Israel e apresenta uma profecia destinada à nação dos assírios. A fuga de Jonas revela que sua fidelidade a Israel é maior do que a Deus. Ao tentar escapar para Társis, Jonas buscava abandonar o território de Israel, aceitando até mesmo a possibilidade de ser esquecido como profeta ou ser punido com a morte. Sua resistência estava enraizada na incapacidade de aceitar que um povo pagão pudesse experimentar a conversão (*teshuvá*),[5] enquanto seu próprio povo, Israel, permanecia na rebeldia e idolatria.

A percepção da *Missio Dei* (Missão de Deus) e da ecoteologia no livro de Jonas são importantes para uma compreensão mais ampla do texto, pois permite transcender suas dimensões históricas e religiosas e explorar aspectos teológicos mais profundos. Essas duas noções ressaltam o compromisso divino não

5. Teshuvá (תְּשׁוּבָה), derivado da raiz שׁוּב (šûḇ), significa “retorno” ou “volta” e, por extensão, “arrependimento” no sentido teológico de reconversão moral e espiritual. A forma nominal aparece, por exemplo, em Os 14.1 e Sl 51.13. No contexto bíblico, refere-se ao ato de retornar a YHWH mediante mudança de atitude e comportamento, conforme Holladay (2010, p. 379.

apenas com a humanidade, mas também com toda a criação, evidenciando o papel central da natureza no cumprimento dos propósitos de Deus. Essa abordagem teológica integrada orienta o presente estudo e será desenvolvida nas seções subsequentes.

4. MISSIO DEI: A MISSÃO DE DEUS NA TEOLOGIA E NA NARRATIVA DE JONAS

Deus viu suas obras – que tinham voltado
atrás, afastandose de seu caminho de maldade
–, e Deus se arrependeu do mal que decidira
fazer contra eles. E não o fez (Jn 3.10).

A *Missio Dei*, termo latino que significa “missão de Deus”, é um conceito fundamental na missiologia contemporânea, introduzido no século XX pelo Conselho Mundial de Igrejas. Conforme enfatiza David Bosch (2002, p. 390), a missão não é exclusivamente uma atividade da igreja, mas sim uma participação na missão divina. Isso significa que a igreja não realiza sua missão de forma isolada, mas colabora com o trabalho redentor de Deus no mundo. Assim, a igreja é vista como um instrumento de Deus, participando de sua missão já em andamento (*Missio Ecclesiae*).

Uma característica essencial é sua dimensão trinitária, onde o Pai envia o Filho e o Espírito Santo ao mundo, envolvendo a igreja nesse propósito divino. Isso revela que a missão não é meramente uma atividade, mas reflete o caráter redentor e restaurador de Deus. Bosch (2002, p. 368-510), explica que a *Missio Dei* não se limita ao evangelismo ou à expansão eclesiástica, mas abrange toda a criação, promovendo justiça, reconciliação e paz.

4.1. A MISSIO DEI NO LIVRO DE JONAS

A narrativa do Livro de Jonas oferece uma ilustração clara e vívida da Missio Dei. Em toda a história, pode-se observar como Deus orquestra de maneiras

diversas a salvação, desde o resgate dos marinheiros estrangeiros em alto-mar, passando pela misericórdia estendida à cidade de Nínive, até o processo de transformação e correção do próprio Jonas, o profeta relutante. A história de Jonas é uma verdadeira jornada de salvação ecoteológica, que inclui seres humanos (Jonas, os marinheiros e os habitantes de Nínive) e elementos não-humanos (o grande peixe, o arbusto e o verme), todos envolvidos no cumprimento da missão divina.

Christopher Wright (2006, p. 364), complementa que a Missio Dei de Deus não se limita aos israelitas ou ao povo escolhido. A missão de Deus se expande para os gentios, alcançando povos estrangeiros como os ninivitas, marinheiros, e, também, toda a criação, incluindo elementos naturais e criaturas não-humanas. Esta abordagem inclusiva e abrangente revela que o propósito divino é redentor e restaurador em todos os níveis: da humanidade à criação inteira, conforme o livro de Isaías:

> E ele disse: "É pouco para ti seres meu servo, para restabeleceres as tribos de Jacó, e para trazeres de volta os preservados de Israel, que te constituo para seres luz das nações, para seres minha salvação até os confins da terra" (Is 49.6).

Em Jonas, Deus demonstra como sua missão transcende fronteiras nacionais, culturais e religiosas, alcançando até mesmo aqueles considerados inimigos do povo de Israel. Além disso, Ele usa diferentes instrumentos – humanos e não-humanos – para realizar sua missão de redenção e salvação, ilustrando a universalidade da *Missio Dei*.

Segundo Bosch (2002, p. 10), a *Missio Dei* envolve trabalhar pela justiça, paz e reconciliação, levando em conta tanto as necessidades espirituais quanto as sociais e ambientais. A *Missio Dei*, portanto, convida toda a criação para entender a missão como uma participação na contínua obra de Deus, que está em

curso desde a criação do mundo e será consumada com a restauração final de todas as coisas.

A história de Jonas oferece uma ilustração poderosa desse conceito, ao demonstrar como Deus, como o gerente supremo da história, está disposto a alcançar os perdidos, sem fronteiras, e transformar até mesmo as situações mais improváveis para cumprir seu plano redentor. A missão de Deus é verdadeiramente universal, incluindo não apenas a salvação da humanidade, mas também o cuidado e a restauração da criação como um todo.

Embora o livro de Jonas não mencione explicitamente Israel, sua narrativa desafia implicitamente a compreensão tradicional do papel do povo eleito na *Missio Dei*. Como observa Timóteo Carriker (2018, p. 45), "Israel não existe para si mesmo, mas como instrumento da graça divina para as nações" – um princípio que Jonas, em sua resistência, parece ter esquecido. A relutância do profeta em pregar a Nínive revela uma tensão teológica crucial: se Israel era chamado a ser "luz para os gentios" (Is 49.6), por que seu representante se recusa a cumprir essa vocação? A ironia da história reside no fato de que, enquanto Jonas resiste à missão universal de Deus, os próprios "pagãos" (os marinheiros e os ninivitas) respondem com fé e arrependimento (Carriker, 2018, p. 47).

Assim, o livro subverte expectativas: em vez de destacar Israel como modelo, usa sua figura profética para expor a contradição entre o chamado missionário do povo eleito e sua tendência ao particularismo. O silêncio final de Jonas – diante da pergunta divina sobre a compaixão pelos ninivitas (Jn 4,11) – ecoa como um convite ao autêntico discipulado missionário: não como privilégio, mas como serviço à missão abrangente de Deus, que inclui até os "inimigos" históricos de Israel.

5. A ECOTEOLOGIA NO LIVRO DE JONAS

"Somos chamados a uma conversão ecológica que se expresse em ações concretas de cuidado da nossa casa comum". (Mensagem do Papa Francisco no Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, 2022).

A ecoteologia, também chamada de teologia verde, é uma abordagem que conecta espiritualidade e meio ambiente. Surgida no século XX como campo interdisciplinar, integra reflexões teológicas com preocupações ecológicas. Foi desenvolvida por teólogos, filósofos e ativistas que estabeleceram vínculos entre a fé cristã e a responsabilidade ambiental, reinterpretando textos sagrados sob uma perspectiva ecológica e promovendo uma espiritualidade ambientalmente consciente. Como afirma Lynn White Jr. (1967, p. 120), a tradição cristã, ao longo da história, teve um papel importante na exploração da natureza, o que catalisou a reflexão ecoteológica. Jürgen Moltmann (1985, p. 25), em sua Teologia da Criação, rejeita o antropocentrismo e enfatiza a relação entre Deus e o cosmos, buscando uma abordagem integrativa da criação. Leonardo Boff (1995, p. 42), por sua vez, propôs a "ecologia integral", unindo justiça social e cuidado ambiental como dimensões inseparáveis da espiritualidade cristã. Sallie McFague (1993, p. 10), em sua obra The Body of God, concebeu a criação como o "corpo de Deus", reforçando a interconexão entre Deus e o mundo e promovendo uma visão holística da teologia ecológica. Thomas Berry (1988, p. 67) defendia uma "teologia da terra", destacando a sacralidade do universo e a necessidade de uma espiritualidade ecológica.

Esses pensadores contribuíram significativamente para a consolidação da ecoteologia, promovendo uma visão mais holística da relação entre Deus, humanidade e criação. O conceito de ecoteologia, que integra os temas de fé e meio ambiente, oferece uma interpretação relevante do livro de Jonas, que, apesar de seu contexto histórico e teológico, apresenta uma profunda reflexão sobre a relação entre a humanidade e a criação. A narrativa de Jonas, ao longo de seus quatro capítulos, está repleta de elementos naturais que desempenham papéis cruciais na história e refletem a interconexão entre Deus, a humanidade e a criação.

A partir da análise das passagens do livro de Jonas e das reflexões sobre a ecoteologia, pode-se concluir que a narrativa bíblica não apenas apresenta uma missão divina para a salvação da humanidade, mas também enfatiza a interconexão entre Deus, a humanidade e toda a criação. O papel dos elementos naturais – como o mar, a terra, o peixe e até os animais de Nínive – é fundamental para entender a abrangência da *Missio Dei*. Como observado por Joüon e Muraoka (2006, p. 119-124), o uso desses elementos naturais no contexto hebraico não é apenas simbólico, mas serve como instrumentos para cumprir os planos divinos, evidenciando que a criação é vista como parte ativa na missão de Deus. Além disso, conforme a visão de Boff (1995, p. 42) e Moltmann (1985, p. 25), a ecoteologia proposta por esses teólogos integra a responsabilidade humana pelo meio ambiente com a espiritualidade cristã, ressaltando a necessidade de uma espiritualidade ecológica, onde a natureza e a criação são reconhecidas como parte do plano redentor de Deus.

A análise do livro de Jonas, portanto, oferece uma perspectiva ecoteológica robusta, mostrando que a missão divina é inclusiva, abrangendo tanto a humanidade quanto toda a criação, e que os elementos naturais não são apenas cenários passivos, mas agentes ativos no cumprimento da vontade de Deus.

5.1. OS ELEMENTOS NATURAIS

A “terra seca” ou “terra firme” (*הַיַּבָּשָׁה ha-yabbŌŌh*) é o local de onde vem o profeta e para onde ele é enviado: “levanta-te! Vai a Nínive, a grande cidade...” (Jn 1.2). A terra está presente na narrativa e é declarada pelo profeta como criação e domínio do SENHOR, “... o Deus dos céus, que fez o mar e a terra firme” (Jn 1.9). Sobre ela está a “Nínive, a grande cidade”, objeto da missão de Deus, “... na qual há mais de cento e vinte mil homens, que não distinguem entre sua direita e esquerda, bem como muitos animais...” (Jn 4.11), sobre ela Jonas foi vomitado pelo grande peixe, “falou, então, o SENHOR ao peixe e ele vomitou Jonas em terra firme” (Jn 2.11), e sobre ela apresentará sua raiva, suas angústias e suas teimosias ao SENHOR, “Jonas havia saído da cidade e sentado ao oriente dela [...]” (Jn 4.5).

O “mar” (*הַיָּם hayyŌm*), que sustentou o navio, abrigou sua fauna e flora e, especialmente, um “grande peixe”, “então o SENHOR dispôs que surgisse um grande peixe que engolisse Jonas. Jonas esteve nas entranhas do peixe durante três dias e três noites” (Jn 2.1). O “mar” que, também, possui abismos e perigos, “da minha angústia clamei ao SENHOR e ele me respondeu. Do seio do Xeol (inferno) gritei por socorro [...]. Cercaram-me as águas até a garganta, o abismo me envolveu, algas se ataram à minha cabeça” (Jn 2.3-6).

Sobre a “terra seca” e o “mar” ocorreram os fenômenos: vento e tempestade, “o SENHOR lançou um forte vento sobre o mar (*רוּחַ גְּדוֹלָה ruaḥ gĕdolah*). Houve, então, uma grande tempestade no mar (*סַעַר גָּדוֹל sa'ar gadol*)...” (Jn 1.4), calor, “... ao nascer do sol, Deus dispôs que surgisse um vento oriental sufocante (*רוּחַ קָדִים ruaḥ qadim*)” e o sol (*הַשֶּׁמֶשׁ ha-shemesh*) “feriu a cabeça de Jonas e ele desfaleceu [...]” (Jn 4.8).

O “grande peixe” (דָּג גָּדוֹל *dŌg gŌḏôl*) foi o transporte e a proteção do profeta. Deus “dispôs / preparou” (Jn 2.1) e “falou, então, o SENHOR ao peixe” (Jn 2.11). O ventre do peixe foi como uma prisão máxima, com tempo de detenção definido, “esteve Jonas três dias e três noites no ventre do peixe” (Jn 1.17).

O arbusto, “aboboreira” ou “planta de rícino”[6] (קִיקָיוֹן *kikayon*), proveu a experiência da alegria e da tristeza do profeta, “O SENHOR Deus dispôs que surgisse um rícino. Ele cresceu sobre Jonas, para ser sombra sobre sua cabeça, para livrá-lo de seu mal...” (Jn 4.6).

O verme (תֻּלַעַת *tannîn*) se alimentou da planta, “Deus dispôs que surgisse um verme ao despontar da aurora do dia seguinte. Ele feriu o rícino, que secou” (Jn 4.7), para desespero do profeta.

Os animais de Nínive: “gado grande” (הַבְּהֵמָה *bəhńmŌh*), “e pequeno” (צֹאן *ṣ¶n*) (Jn 3.8-9) e muitos animais (הַבְּהֵמָה *bəhńmŌh*) (Jn 4.11). A compaixão de YHWH se estende sobre toda a carne e sobre a terra.

5.2. OS SERES HUMANOS

Os “tripulantes/marinheiros” e o “capitão/mestre do navio” são personagens centrais na narrativa do livro de Jonas. Eles desempenham um papel fundamental na introdução ao processo de resposta humana à intervenção divina. Conforme descrito em Jn 1.5, “os tripulantes encheram-se de temor e gritaram cada qual ao próprio deus [...]”. Além disso, o capitão se aproxima de Jonas e o exorta: “Que há contigo, que estás dormindo? Levanta-te e clama a teu Deus!” (Jn 1.6). Esses marinheiros são os primeiros a experimentar a conversão e a salvação divina: “os homens, então, temeram grandemente o SENHOR, ofereceram um sacrifício ao SENHOR e fizeram votos” (Jn 1.16). Como observa Mckenzie (2007, p. 111),

6. A “planta de rícino”, responsável pelo óleo de rícino com propriedades analgésicas e anti-inflamatórias, poderia ser uma mamoneira, conforme: Begun (2022, p. 16).

a reação dos marinheiros destaca a universalidade da ação de Deus e a rapidez com que a salvação pode ser alcançada, mesmo entre os gentios.

Os habitantes de Nínive também passam por uma profunda transformação, sendo descritos em Jn 3.5: “os homens de Nínive creram em Deus...”. O rei de Nínive, ao receber a notícia, decreta uma ação coletiva: “A notícia chegou ao rei de Nínive [...]. Promulgou-se e declarou-se em Nínive, por decreto do rei e de seus grandes: Homem e animal, gado grande e pequeno, não provem nada, não pastem e não bebam água” (Jn 3.7-8). O arrependimento e a fé dos ninivitas e de seu rei influenciam de forma intencional a ação de Deus: “quem sabe se Deus voltará atrás, se arrependerá e se afastará do ardor de sua ira, de modo que não pereçamos?” (Jn 3.9). Como destaca Wright (2006, p. 355), essa resposta de Nínive mostra que a verdadeira fé pode alterar o curso da ira divina, refletindo a soberania de Deus sobre as nações.

Jonas, “filho de Amitai” (Jn 1.1), é um profeta desobediente e teimoso que foge de sua missão divina: “levanta-te! Vai a Nínive, a grande cidade, e clama contra ela [...]” (Jn 1.2). Sua reação à missão de Deus revela a resistência humana ao plano divino. Ao desejar a própria morte, ele expressa sua vulnerabilidade: “é melhor para mim a morte do que a vida” (Jn 4.8). A atitude de Jonas, como observa Boff (1995, p. 67), expõe o conflito interno do profeta entre sua missão divina e seus preconceitos pessoais, revelando, de forma implícita, um anseio por cuidado e intervenção do SENHOR.

5.3. A POSSIBILIDADE DE UMA CATÁSTROFE ECOLÓGICA

A profecia do Livro de Jonas anuncia uma iminente catástrofe de grandes proporções: “Ainda quarenta dias e Nínive será arrasada” (Jn 3.4). Considerando a magnitude da cidade e sua população, a ameaça se torna ainda mais impactante: “Nínive era uma grande cidade diante de Deus, de três dias de caminho

[...]" (Jn 3.3), "na qual há mais de cento e vinte mil homens, que não distinguem entre sua direita e esquerda, bem como muitos animais..." (Jn 4.11).

Embora seja impossível mensurar com precisão os impactos ambientais caso Nínive tivesse sido destruída conforme a profecia, é plausível considerar consequências como a perda em massa de vidas humanas e animais, a poluição do ar, a devastação da vegetação, a contaminação do solo e dos recursos hídricos, além do colapso dos ecossistemas locais. Historicamente, Nínive foi de fato destruída em 612 a.C., e suas ruínas, ao longo dos séculos, foram gradualmente reintegradas ao ambiente natural.

O desejo de Jonas pela destruição da cidade remete à narrativa de Sodoma e Gomorra (Gn 19), sugerindo uma visão punitiva semelhante. No entanto, o desfecho do livro ressalta um elemento distintivo: a compaixão divina sobre Nínive, contrastando com a ira do profeta.

5.4. UMA REFLEXÃO ECOTEOLÓGICA

No entanto, o ponto crucial da lição de Deus a Jonas é a questão da compaixão. A criação, que inclui tanto seres humanos quanto animais e plantas, é amada por Deus e, portanto, deve ser cuidada e preservada. A destruição de algo tão simples como a planta e a reação de Jonas a isso ilustram o egoísmo humano diante da perda da criação. Como observa Wright (2006, p. 364), a compaixão divina em relação à criação e aos seres humanos é um princípio central na teologia bíblica, destacando que Deus não deseja a destruição, mas a restauração. Deus, ao argumentar que "e eu não terei compaixão de Nínive, a grande cidade?" (Jn 4.11), reforça a mensagem de que a misericórdia divina se estende não apenas aos seres humanos, mas também a toda a criação, incluindo os animais e plantas.

A história de Nínive, com seu arrependimento e restauração, lembra da possibilidade de redenção e reconciliação ecológica, onde a humanidade e toda a criação podem ser restauradas ao seu propósito original de harmonia com Deus. Como destaca Boff (1995, p. 42), a ecologia integral é uma chamada para a reconciliação entre os seres humanos e a criação, pois a salvação divina envolve a restauração do mundo físico e espiritual. O Livro de Jonas, ao abordar a salvação não apenas dos seres humanos, mas de toda a criação, oferece uma poderosa mensagem ecoteológica: Deus é o SENHOR da criação e sua missão de salvação inclui a restauração ecológica, convidando a todos para serem responsáveis e compassivos para com o mundo natural.

Em tempos de crescente destruição ambiental, a mensagem de Jonas se torna mais relevante, chamando a humanidade ao arrependimento, à justiça ecológica e ao cuidado com toda a criação de Deus. Como McFague (1993, p. 10) aponta, a teologia ecológica é uma convocação para que reconheçamos a criação como o “corpo de Deus”, e que a restauração de todas as coisas inclui o mundo natural em sua totalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro de Jonas é uma narrativa rica, multifacetada e centrada na interação entre Deus e os elementos de sua criação, desenvolvendo-se em um movimento constante entre terra e mar, marcado por fluxos de fuga e retorno, rejeição e conversão. A narrativa destaca o alcance universal do amor divino e desafia as expectativas humanas de justiça.

Uma leitura atenta ao livro de Jonas, respeitando seu gênero e sua estrutura literária, proporciona ao leitor uma experiência singular. Trata-se de uma viagem que amplia a compreensão sobre a Missão de Deus (*Missio Dei*), revelando sua compaixão e misericórdia por toda a criação, em uma perspectiva ecoteológica.

Distante de uma narrativa histórica convencional ou de uma estrutura profética típica, o autor utiliza a parábola satírica para retratar a jornada de um profeta que, em sua teimosia e preconceitos, resiste ao chamado de YHWH para participar de seu projeto de conversão e salvação universal. Jonas, em suas fugas, tenta o impossível: escapar da presença divina, conforme enfatiza o Sl 139.7-10. Ele deixa de ser um instrumento de libertação para ser a carga certa, um fardo pesado demais para o barco e os marinheiros a caminho de Társis.

YHWH conduziu Jonas por uma jornada transformadora. Jonas se moveu por vários solos: terra firme, o porto, o barco sobre o mar, a barriga do peixe (*xeol*), a praia, as ruas de Nínive, na sombra do arbusto e sobre o sol escaldante. Mesmo em sua resistência, Jonas evidencia ainda mais a grandeza de YHWH – abrangendo tempo, espaço, misericórdia, compaixão e propósito.

A narrativa ecoteológica de Jonas impacta atores humanos e não-humanos: os marinheiros gentios convertem-se ao SENHOR (Jn 1.16), os ninivitas (e seus animais) praticam o jejum coletivo (Jn 3.7-8), e o próprio Jonas, embora resistente, é confrontado pela graça divina que ultrapassa fronteiras étnicas (Freitheim, 2005b, p. 132). Essa dinâmica ecoa a visão de McFague (1993, p. 10) da criação como “corpo de Deus”, integrada à redenção cósmica

No contexto da narrativa bíblica, lacunas literárias clamam por interpretações e detalhes adicionais, oferecendo ao leitor um espaço para reflexão. O livro termina com uma pergunta aberta de YHWH: “E eu não terei compaixão de Nínive, a grande cidade, na qual há mais de cento e vinte mil homens, que não distinguem entre sua direita e esquerda, bem como muitos animais?” (Jn 4,11). Essa indagação convida os leitores a refletirem sobre o projeto divino e a se identificarem com Jonas, questionando: “Como eu me vejo em Jonas?”.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA: **A BÍBLIA**. São Paulo: Editora Paulinas, 2023.

BÍBLIA: **TEB Bíblia Tradução Ecumênica**. 2ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

ALTER, Robert. **The Art of Biblical Narrative**. New York: Basic Books, 1981.

BEGUN, S. O. **O Livro de Yoná**. São Paulo: Editora Lubavitch - Brasil, 2022.

BOFF, L. **Ecologia**: Grito da Terra, Grito dos Pobres. Petrópolis: Vozes, 1995.

BOSCH, D. J. **Missão Transformadora**: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão. 2ª edição. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002.

CARRIKER, T. **A Missão de Deus no Antigo Testamento**. São Paulo: Editora XYZ, 2018.

CHILDS, B. S. **Introduction to the Old Testament as Scripture**. Washington: Fortress Press, 1979.

DORSEY, D. A. **Estrutura Literária do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2024.

FACHIN, P. **Moby Dick: a homilia do padre Mapple para os mortos**. 2022. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/617033-moby-dick-a-homilia-do-padre-mapple-para-os-mortos/. Acesso em: 05 fev. 2025.

FERNANDES, L. A. **Jonas**. 3ª. edição. São Paulo: Editora Paulinas, 2012.

FRANCISCO, E. **Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português**: Volume 3 – Profetas Posteriores. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil 2021.

FRETHEIM, T. E. **The Message of Jonah**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2005a.

FRETHEIM, T. E. **God and World in the Old Testament**: A Relational Theology of Creation. Nashville: Abingdon Press, 2005b.

HAVEA, J. **JONAH an Earth Bible Commentary**. London: T&T Clark, 2020.

HOLLADAY, W. L. **Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

JOÜON, P; MURAOKA, T. **A Grammar of Biblical Hebrew**. Roma: Pontifício Instituto Bíblico, 2006.

KELLEY, H. **Hebraico Bíblico, uma gramática introdução**. 11ª. edição. São Paulo: Editora Sinodal, 1998.

KOENIG, J. **Jews and Christians in Dialogue**: New Testament Foundations. Philadelphia: Westminster Press, 1985.

HOLLADAY, William L. **A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.

MCFAGUE, S. **The Body of God**: An Ecological Theology. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

MCKEE, R. **Story**: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba: Editora Arte e Letra, 2017.

MCKENZIE, S. L. **Como ler a Bíblia**: História, profecia ou literatura. São Paulo: Edições Rosario, 2007.

PRITCHARD, J. B. (Ed.). **Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament** (ANET). 3ª. edição. Princeton: Princeton University Press, 1969.

WRIGHT, C. J. H. **The Mission of God**: Unlocking the Bible's Grand Narrative. Downers Grove: IVP Academic, 2006.

FACHIN, P. **Moby Dick**: a homilia do padre Mapple para os mortos. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/617033-moby-dick-a-homilia-do-padre-mapple-para-os-mortos/> Acesso em: 05 fev. 2025.